

<sup>32</sup> BOFF, Leonardo, **Saber Cuidar** ..., p. 94-95.

<sup>33</sup> BOFF, Leonardo, **Ecologia**... p. 113.

<sup>34</sup> BUARQUE, C., art. cit.;

<sup>35</sup> Leonardo Boff descreve, nos seus últimos livros, citados acima, a urgência de um novo paradigma civilizacional. Boaventura de Sousa Santos, analisando a crise do paradigma vigente nas ciências sociais, postula um novo contrato social – cf. SANTOS, Boaventura de Sousa in: Vários Autores, **A Crise dos Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o século XXI**, Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1999. Hans Küng se empenha na construção de um Projeto para uma Nova Ética Global, pois, para ele “não haverá sobrevivência do globo sem uma ética global” – cf. KÜNG, Hans, **Projekt Weltethos**, R. Pieper GmbH, Munique, 1990. A necessidade da formulação de um outro paradigma é a proposta de MOLTMANN, Jürgen, **L'Avvento di Dio. Escatologia Cristiana**, Queriniana, Brescia, 1998, p. 207-226 e no artigo “Le Rôle ...”, art. cit. Cf. também **CEPAT Informa**, no. 55/1999, p. 9-15, onde se encontra uma síntese da análise de J. Moltmann. Jean-Claude Guillebaud insiste no que denomina a refundação do mundo. Cf. GUILLEBAUD, Jean-Claude, **La Refondation du Monde**, Seuil, Paris, 1999.

<sup>36</sup> MOLTSMANN, J., “Le Rôle du ...” art. cit.;

<sup>37</sup> Esta, por exemplo, é a intuição de Hans Georg Gadamer. Cf. a longa entrevista publicada no jornal eletrônico **Café Europa** e traduzida no **CEPAT Informa** no. 55/1999, p. 25-27. Cf. também **CEPAT Informa** no. 54/1999, p. 55-56. John Naisbitt acaba de lançar o livro **High Tech/High Touch: Technology and Our Search for Meaning**, Nicholas Brealey Publishing, 1999 onde afirma: “Não podemos falar somente de tecnologia, mas devemos escutar os homens das religiões capazes de nos explicar outros conceitos e valores: o bem, a pureza, o amor” – cf. **CEPAT Informa** no. 56/1999.

<sup>38</sup> O conceito de paradigma o usamos na acepção de KUHN, Thomas, **Estrutura das revoluções científicas**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1998, 5ª ed. Ou seja, paradigma significa “toda uma constelação de opiniões, valores e métodos etc. participados pelos membros de uma determinada sociedade”, fundando um sistema disciplinado mediante o qual esta sociedade se orienta a si mesma e organiza o conjunto de suas relações.

<sup>39</sup> Cf. NEUTZLING, Inácio, “*Por uma Sociedade e um Planeta Sustentável. A possível contribuição do Humanismo Social Cristão na construção de um novo paradigma civilizacional*”, conferência apresentada no Simpósio Internacional sobre Humanismo Social Cristão, na UNISINOS, em outubro de 1999. O livro deste Simpósio está sendo impresso pela Editora Unisinos.

#### Endereço do Autor:

Cx. Postal 101  
93000-970 São Leopoldo RS

*O artigo é uma breve contribuição para a Espiritualidade do Jubileu, esse “tempo sagrado”, “ano de graça e de misericórdia” que temos agora o privilégio de celebrar. A Autora lembra que o Jubileu se processa em duas vias: é “Deus procurando o ser humano” e “o ser humano à procura de Deus”. Reflete também sobre o Jubileu “e a política da terra”, o Jubileu e “a sociedade de consumo”, o Jubileu e “a cultura da privatização”, o Jubileu e “a cultura da solidariedade”, terminando por acenar à dimensão profética e apocalíptica do Jubileu, a dimensão do “êxodo rumo a uma nova terra e um novo céu, na esperança de que se façam novas todas as coisas (Ap 21,5).*

## ESPIRITUALIDADE DO JUBILEU

Ir. Elizabeth Mendes

Mestra em Teologia Espiritual e Franciscanismo e Professora no ITESC

**O** jubileu é um tempo sagrado. É o ano da graça e da misericórdia. O Papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, retomando antiga tradição, convocou a Igreja Católica para celebrar o jubileu dos 2000 anos da encarnação do Filho de Deus, com o lema: “*Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*” (Hb 13,8). Este Ano Santo do Grande Jubileu começou na noite de Natal de 1999 e termina na Epifania do ano 2001. Mas o Jubileu não se reduz à sua comemoração. Trata-se de uma realidade constante na vida humana, enquanto significa Deus que procura o homem (cf. *Tertio Millennio Adveniente*, 7) e o homem em busca de Deus. Portanto, falar da espiritualidade do jubileu é falar de uma ação profética e apocalíptica existencial, que envolve o relacionamento de Deus com o ser humano e suas implicações ético-sociais e religiosas.

### 1. Jubileu: Deus procura o homem

Em Jesus Cristo Deus não só fala ao homem, mas o procura. A encarnação do Filho de Deus testemunha que Deus procura o homem. É uma busca que nasce no íntimo de Deus e tem o seu ponto culminante na encarnação do Verbo. Deus procura o homem, que é a sua “propriedade particular” (TMA 7), de maneira diferente de outras criaturas. O homem é “propriedade” de Deus, enquanto alvo de uma escolha de amor: Deus busca o homem movido pelo seu coração de Pai. E o busca porque quer que abandone o caminho do mal, da violência, da degradação. Deus quer destruir o mal que se entranhou na história humana: eis a Redenção, obra de amor do seu Filho encarnado. Mas, o secularismo hodierno não deixa lugar para a encarnação, e o Filho de Deus já não encontra acolhida no coração humano, não tem “terra para morar”, é “escravizado” nos irmãos e nas irmãs que são explorados, não tem direito a “descanso sabático” e está eternamente endividado, neste nosso sistema de “capitalismo selvagem”. Ora, o Jubileu é a volta do divino, um retorno sagrado. É dar a Deus o seu lugar em nossa vida, em nossa história. É adorá-lo e, adorando-o, amar os irmãos e irmãs e construir uma sociedade justa e igualitária.

### 2. Jubileu: o homem procura Deus

É em Deus que o homem encontra a plena realização de si mesmo: esta é a verdade revelada por Cristo (TMA 9). *Em Deus somos, vivemos e existimos* (At 17,28). O cumprimento do próprio destino, o homem o realiza somente no dom sincero de si, um dom que só é possível no encontro com Deus, pois só no divino o homem é plenamente homem. Daí nasce a necessidade da adoração exclusiva ao Deus Uno e Trino, e de santificar o tempo, pois, com a vinda de

Cristo se iniciam os “últimos tempos” (cf. Hb 1,2) e se inicia o tempo da Igreja, que durará até a Parusia: Cristo é o Senhor do tempo (TMA 10).

Assim, o cristianismo é a religião da permanência na intimidade de Deus, da participação em sua vida divina. *Deus mandou nos nossos corações o Espírito de seu Filho que grita: Abbá, Pai* (Gl 4,6). O homem eleva sua voz à semelhança de Cristo, o qual se dirige “com gritos e lágrimas” (Hb 5,7) a Deus, especialmente no Getsêmani e na Cruz: o homem grita a Deus como gritou Jesus e testemunha assim a sua co-filiação por obra do Espírito Santo. O Espírito Santo, que o Pai enviou em nome do Filho, faz com que o homem participe da vida íntima de Deus. Faz com que o homem seja também filho, à semelhança de Cristo, e herdeiro dos bens que constituem a parte do Filho (cf. Gl 4,7). O Espírito Santo, que escruta a profundidade de Deus (cf. 1Cor 2,10), introduz os homens em tal profundidade em virtude do sacrifício de Cristo (cf. TMA 8).

### 3. Jubileu e política da Terra

O jubileu, no AT, era um tempo dedicado de modo particular a Deus e, em Deus, ao homem. Sua forma primitiva ocorria a cada sete anos, segundo a lei de Moisés: era o “ano sabático”, durante o qual se deixava a terra repousar e eram libertos os escravos. A Lei previa também o perdão de todas as dívidas. Tudo era feito em honra de Deus. No ano peculiarmente jubilar (a cada cinquenta anos) as usanças do ano sabático eram ampliadas e celebradas com muito mais solenidade. Uma das conseqüências mais significativas do ano jubilar era a “emancipação de todos os habitantes necessitados de libertação”. Nessa ocasião, cada israelita retomava a posse da terra de seus pais. Ninguém podia ser privado definitivamente da terra, porque a terra pertencia a Deus. O ano jubilar devia restituir a igualdade entre todos os filhos de Israel. Devia ripristinar a justiça social. Hoje a chamada “política da terra”, ou seja, a questão da reforma agrária, terra para todos, moradia, ecologia etc, é uma causa que integra perfeitamente a espiritualidade jubilar. O Ano Santo do Jubileu é uma restauração de valores, isto é, procura fazer acontecer o Reino de Deus onde a terra é de irmãos, terra de livres: nem escravos e nem senhores, mas irmãos. Onde a terra é a “grande mãe”, fecunda e acolhedora, sensível e ternamente materna. O Jubileu nos recorda que o ser humano é o senhor da criação e colaborador de Deus na sua conservação.

### 4. Jubileu e sociedade de consumo

O Jubileu, para a Igreja, é um ano de graças: ano da remissão dos pecados e de indulgências pelos pecados, ano de reconciliação, ano de conversões e de penitências sacramentais e extrasacramentais (cf. TMA 14).

Mas, a civilização contemporânea impele para outra direção. Tempos modernos do descartável, do *soft*, do *light*. Tempos de desperdício, de supérfluo, de tecnologia desenfreada, de busca ansiosa de novidade, do diferente, do exótico, do esotérico. A nossa é uma sociedade que apregoa o fácil, que aboliu a dor, o sofrimento, e até a morte se transformou num espetáculo. O Ano do Jubileu vem recordar-nos que Jesus é o Senhor do tempo e da história. É Nele, com Ele e por Ele que esperamos *um novo céu e uma nova terra* (cf 2Pd 3,13), ou seja, uma nova sociedade onde reine a justiça, a paz, o amor, a solidariedade e a partilha.

### 5. Jubileu e cultura da privatização

O termo “Jubileu” fala de júbilo, alegria; não só de uma alegria interna (*ad intra*), mas de um júbilo que se manifesta exteriormente (*ad extra*). Pois a vinda de Deus é um evento também exterior, visível, audível e tangível (cf. 1Jo 1,1). Indica, portanto, que a Igreja se alegra efetivamente pela salvação. Convida todos a jubilarem e se esforça por criar condições, para que as energias salvíficas possam ser comunicadas a todos. Vemos assim que os dois mil anos do nascimento de Cristo representam um Jubileu extraordinário não só para os cristãos, mas indiretamente para toda a humanidade.

No entanto, falar da espiritualidade do Jubileu, que é solidariedade, partilha e comunhão, não condiz com a cultura da privatização, onde os bens já não são de todos, mas de alguns. Fala-se do “latifúndio da terra”, mas também podemos falar, hoje, do “latifúndio da comunicação”, do “latifúndio da economia”, do “latifúndio da informática”, etc. Tudo está nas mãos de “alguns”, que tudo manipulam segundo as próprias especulações e procuram garantir lucros cada vez maiores, às custas do empobrecimento da grande maioria da população. Estamos privatizando tudo: os serviços públicos, as escolas, a saúde... Será que as experiências de Deus passarão também pela terceirização?

### 6. Jubileu e cultura da solidariedade

Quanto ao conteúdo, este Jubileu será, de certo modo, igual aos outros. Mas será ao mesmo tempo diferente e, de todos os outros, o mais relevante. A Igreja respeita as medidas do tempo: horas, dias, anos, séculos. Sob este aspecto, a Igreja caminha ao ritmo de cada ser humano, consciente de quão intrínseca é a presença de Deus e de sua ação salvífica em cada uma dessas medidas do tempo. É nesse espírito que a Igreja se alegra, rende graças a Deus, pede perdão, apresenta súplicas ao Senhor da história e das consciências humanas (cf. TMA 16).

Entre as súplicas mais fervorosas, a Igreja implora do Senhor que cresça a unidade entre todos os cristãos, “*para que o mundo creia*” (Jo 17, 21). É nesse sentido que o Jubileu nos leva a tomar consciência da importância de forjarmos a “cultura da solidariedade”, para “combater” firmemente a “cultura da privatização”, a “cultura do hedonismo”, a “cultura do laicismo”. Que a celebração dos dois mil anos da encarnação do Senhor ilumine nossa vida, de modo que Ele, “o Sol da justiça” brilhe radioso sobre a humanidade.

### 7. Jubileu e apocalipse

Por último, falar de espiritualidade do Jubileu, de tempo de Graça e de Reconciliação e Perdão, é falar de uma espiritualidade profundamente profética e apocalíptica. Se de um lado o Jubileu é Deus à procura do homem e o homem em busca de Deus, por outro lado o Jubileu nos recorda que é hora de desmascarar e denunciar a situação desumana pela qual passam tantos filhos e filhas de Deus. É hora de resgatar a espiritualidade e a esperança. Esse resgate, antes de ser um projeto acabado, é uma força que nos coloca como pessoas, grupos, comunidades e povos, na dimensão do êxodo rumo a *uma nova terra e um novo céu*, na esperança de que se façam *novas todas as coisas* (Ap 21,5).

Viver a espiritualidade do Jubileu é engajar-se, como Jesus, na luta pela vida, cujo centro é a pessoa humana (cf Jo 10,10), a qual merece ser tratada com muito mais carinho e ternura. Hoje, agora, é o tempo da graça.

### Bibliografia

M. Barros, *A dança do novo tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*, CEBI 1997.

AA.VV., *O ano do jubileu* – Estudos Bíblicos 58, Petrópolis 1998.

H. Reimer, I. R. Reimer, *Tempos de Graça – O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*, CEBI 1999

I.R. Reimer, “O jubileu como vivência de espiritualidade”, *Por trás da Palavra*, nº 114, CEBI 1999, 9-12

Fr. A. Moser, “O grande jubileu e a busca da reconciliação”, *Convergência*, nº 324, julho/agosto de 1999.

### Endereço do Autora:

Rua Lauro Linhares, 1921, apto. 101, bloco A  
88032-002 Florianópolis - SC